

CURRÍCULO E AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS: PERSPECTIVAS FRENTE À DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Helen Jôsy Queiroz de Sousa ¹
Erislene Rayanne Moreira Cruz ²
Luana Mara Pinheiro Almeida ³
Maria Benedita Yane Machado ⁴
Cândida Maria Farias Câmara ⁵

INTRODUÇÃO

Na atualidade, uma das questões que mais geram questionamentos é a dificuldade de aprendizagem (DA), principalmente referente ao ensino básico, uma realidade que se apresenta cada vez mais nas crianças. Em contrapartida, as salas de aula se encontram lotadas, o que impossibilita uma observação mais acurada do aprendizado individual, além de que não apresentam adaptações para o ensino considerando as necessidades das crianças.

Essa dificuldade de aprendizagem pode ser apresentada e percebida nos primeiros momentos da criança na escola, um período crucial para a adaptação da mesma. E é justamente nesse ambiente escolar que a criança recebe suas primeiras avaliações, seja ela dos professores, dos colegas de classe ou até mesmo dos responsáveis, o que de certa forma irá construir sua primeira visão de si.

Mediante isso, é essencial que se pense numa educação preparada para lidar com as especificidades que demandam as crianças com dificuldade de aprendizagem. Fala-se de uma melhor elaboração do currículo, já que ele se refere a um dos principais instrumentos que caracteriza esse espaço de ensino como um sistema social, sendo através dele que os conteúdos são repassados. Assim como os processos avaliativos, os quais precisam ir mais além do que avaliar quantitativamente o desenvolvimento acadêmico do aluno, devem também acompanhar todo o processo de ensino, verificando as carências em torno do aprendizado e buscando realizar uma análise individual levando em consideração a subjetividade e nível de compreensão.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo principal analisar teoricamente as perspectivas de currículo e avaliação na educação de crianças com dificuldade de aprendizagem, buscando identificar as melhores formas de ensino e como essa dificuldade pode ser superada.

METODOLOGIA

Este estudo foi erigido a partir de pesquisa bibliográfica, tendo como propósito discorrer com base na literatura sobre as perspectivas de currículo e avaliação na educação de crianças com dificuldade de aprendizagem. Para tanto, realizou-se levantamento de informações em artigos disponíveis em plataformas *on-line*, como SciELO (*Scientific*

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Unicatólica de Quixadá - CE, josyqueiroz0@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Unicatólica de Quixadá - CE, erislenerayanne@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Unicatólica de Quixadá - CE, luana.mara_almeida@hotmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia da Unicatólica de Quixadá - CE, mariabenedyta@hotmail.com;

⁵ Professor orientador: Mestra em Psicologia, Unicatólica de Quixadá - CE, candidacamara@unicatolicaquixada.edu.br.

Electronic Library Online), PEPSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e Google Acadêmico (*Google Scholar*), além de livros que versam sobre o tema trabalhado.

DESENVOLVIMENTO

Currículo se refere a uma produção cultural, no qual se é utilizado materiais já existentes como meio de produção e criação para novos ensinamentos ou até mesmo uma reelaboração de conteúdos formulados anteriormente. É por isso que o currículo tem ação direta no desenvolvimento dos alunos, pois é a partir dele que se transmitem os conhecimentos que deverão ser apresentados como o próprio resultado educacional de cada instituição de ensino (MOREIRA, 1990).

De acordo com Furtado (2010), o currículo é visto como um terreno conflituoso e de muitas contestações em relação ao que irá produzir, visto que a escola é justamente esse espaço para elaboração de questionamentos, funcionando como um elemento que determina como os conteúdos são distribuídos e abordados levando em conta o contexto e as responsabilidades econômicas e sociais que cada meio carrega.

É visível a importância do cuidado na elaboração do currículo, tendo em vista que o mesmo tem como objetivo analisar e verificar as realidades que poderão ser utilizadas para o aprendizado dos alunos, devendo ser sempre construído a partir dos contextos e necessidades em que os alunos estão inseridos (JESUS, 2007). Tanto quanto o currículo, a avaliação do ensino-aprendizado também deve ser pensada em acordo com as necessidades dos alunos, já que ambos são elementos cruciais para a melhoria da prática pedagógica.

A avaliação deve ser entendida como um ato que necessita de alto nível de atenção referente à organização da prática de ensino. Ela deve estar de acordo com o apoio do campo institucional, seguido de um acompanhamento individual, de grupo ou até de profissionais específicos, sendo assim identificada como um processo ativo de ação educacional que usa da reflexão como um meio para melhoria do ensino-aprendizagem (SILVA, 2006).

Segundo Haydt (1995), a busca por uma melhoria no processo avaliativo inclui ter um enfoque compreensivo na avaliação do aprendizado dos estudantes, levando em consideração aspectos relacionais como a relação dos alunos com os professores, analisando a troca de conhecimentos e níveis de compreensão apresentados. Logo, é importante não considerar somente os resultados obtidos pelas técnicas e os instrumentos utilizados no processo de ensino acadêmico.

O ensino na educação básica tem enfrentado desafios constantes no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizado do público infantil, em razão de que o processo escolar da criança exige bastante adaptação, principalmente no que tange ao processo avaliativo. Afinal, desde os primeiros momentos a criança tem o seu desempenho avaliado em relação ao que é esperado pelo núcleo educacional de ensino (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

E é justamente por isso que Zorzi (2004) vem abordar que nesse processo formal de ensino, baseado exacerbadamente em procedimentos e técnicas, os problemas de aprendizagem começam a ser manifestados com mais clareza, uma vez que determinados alunos não conseguem atingir em tempo padrão o que esse processo educacional estipula como tempo necessário de aprendizado.

Um ponto a se destacar é que a dificuldade de aprendizagem difere do transtorno de aprendizagem, este equivale a uma disfunção neurológica. Já a DA se caracteriza como adversidades referentes ao próprio método de ensino ou interferências em geral que dificultam o aprendizado. Por isso, faz-se necessário uma melhor compreensão do que é a dificuldade de aprendizagem e sua interação com o ambiente escolar, a sua identificação ajuda a estabelecer um diagnóstico para a criação de estratégias com finalidade de superá-la.

Pimenta (1985) esclarece que o saber não é espontâneo ou automático, como se espera nos processos educativos da atualidade. Em verdade, o saber deve ser livre, considerando aspectos como visão de mundo, cultura e a própria necessidade de cada aluno, individualmente analisado. Os conhecimentos acumulados e repassados em sala através do professor devem proporcionar bem-estar entre os alunos para, assim, criarem novos saberes e uma melhor interpretação dos conhecimentos diários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entende-se por dificuldade de aprendizagem “alguma desordem na aprendizagem geral da criança” (CRUZ; STEFANINI, 2005, p. 154). E essa DA é conhecida como uma consequência do fracasso escolar, este definido como “uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola” (WEISS, 2007, p. 15). Desse modo, o fracasso escolar pode estar associado a causas advindas do meio social, da escola ou do próprio aluno, isto é, relacionado a fatores internos e a fatores externos.

Jacob e Loureiro (1996) ressaltam que os fatores internos consistem em biológicos, cognitivos e afetivos, já os fatores externos tratam de determinantes culturais, sociais e políticos. Não se pode proceder com a criança com dificuldade de aprendizagem como um problema isolado, posto que o fracasso escolar gera efeitos no seu desenvolvimento, sobretudo o afetivo. Ao se identificar o fracasso escolar, não se deve ignorar as correspondências entre os resultados escolares e as oportunidades reais dadas aos sujeitos pela sociedade (WEISS, 2007).

Com efeito, a avaliação tem função fundamental no processo de ensino e aprendizagem, bem como na construção do currículo. Existe uma retroalimentação dos resultados obtidos na avaliação escolar para que sejam construídas novas metodologias e, conseqüentemente, adaptações curriculares (TRISTÃO, 2006). Ademais, a aprendizagem é social, envolve as interações da criança com seus pares e com o adulto. Estudos comprovam que o auxílio do colega de classe pode impulsionar a aprendizagem ao levar o aluno auxiliado para além do que ele aprenderia sozinho, ativando seu potencial de aprendizagem (CRUZ; STEFANINI, 2005). Sob esse prisma, propõem-se diferentes formas de avaliar.

Cantanhêde (2018) traz quatro perspectivas de avaliação escolar, quais sejam: avaliação diagnóstica, formativa, somativa e mediadora. A avaliação diagnóstica é caracterizada por ser realizada no início do processo de aprendizagem para que se tenha um diagnóstico dos conhecimentos que o aluno dispõe. A avaliação formativa ocorre como uma investigação durante o processo e considera elementos como a criatividade, participação nas atividades, desenvolvimento e comportamento do aluno. Já a avaliação somativa é informativa e verificadora, pois normalmente é feita no fim do processo e dá informações dos resultados obtidos. Por fim, a avaliação mediadora baseia-se na premissa de ver o educando de forma diferenciada, avalia a subjetividade e a influência que o professor tem sobre o aluno avaliado, é focar no individual e não mais somente no coletivo.

Tendo essas diferentes avaliações como referências, compreende-se que elas são complementares no processo ensino-aprendizagem. Para a criança com DA é essencial que se trabalhe com a avaliação mediadora de forma contínua para garantir o respeito ao ritmo individual de aprendizado e perceber como as ações do mediador interferem nesse aprendizado. O educador é encarregado de ensinar por meio da brincadeira, do movimento e da afetividade, tendo o cuidado de não rotular, diagnosticar ou estigmatizar a criança nas atividades (TRISTÃO, 2006). Smith (2001) traz ainda que a aprendizagem é integrativa, onde há uma ligação direta entre o corpo e o psíquico, sendo necessária essa relação para que cada aluno possa ter controle e acesso de sua realidade particular.

Em consonância com o exposto, o currículo deve ser flexibilizado e planejado para lidar com os casos de crianças com DA devido ao fato de que tudo o que se passa com a criança é uma vivência de aprendizado e para que existam respostas educacionais às necessidades dessas crianças. Alunos com níveis e estilos distintos de aprendizagem viabilizam que o professor crie situações de modo a promover desafios, reflexões e problematizações. Para além do professor, a escola como um todo deve se preparar para sanar as dificuldades apresentadas (TRISTÃO, 2006).

O planejamento do currículo precisa acontecer com fundamentação em valores, crenças e princípios básicos para assegurar experiências positivas às crianças diante do seu caráter de influência no futuro delas. O adulto tem o papel de ser ativo e participativo, ao passo que carece ter consciência da sua função de mediador exercendo observação e reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem (TRISTÃO, 2006).

Cruz e Stefanini (2005) descrevem resultados de pesquisa sobre a postura do professor no trabalho com crianças que apresentam DA. Os educadores consultados desempenhavam intervenções denominadas como estratégias pedagógicas e estratégias afetivas. Pedagogicamente, as intervenções se dão tendo em conta as dificuldades particulares com atividades diferenciadas na sala de aula, em casa e o encaminhamento ao reforço escolar. Na direção afetiva, realizam motivação e incentivo a partir de conversas, questionamentos, elogios e encorajamento, sempre considerando o nível de desenvolvimento do aluno.

Nesse cenário, a ressalva é para que se cumpra um diagnóstico a fim de elucidar o que consiste em dificuldade de aprendizagem. Embora os fatores internos e externos que influenciam no processo de aprendizado estejam emaranhados na realidade escolar da criança, o mais importante não é tão-somente diagnosticar o que interfere negativamente nesse processo, mas trabalhar com a estruturação e aplicação de meios para intervir positivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, ressalta-se que ainda existem lacunas sobre o que se entende por dificuldade de aprendizagem e principalmente sobre como identificar seus efeitos no contexto da educação de crianças, apesar de essa problemática não ser incipiente na realidade educacional. De todo modo, é primaz que o sistema educacional e os seus atores repensem as propostas de currículo e avaliação escolar frente às dificuldades de aprendizagem das crianças como um modo de responder prontamente às especificidades que esses sujeitos demandam no processo ensino-aprendizagem.

Contudo, acredita-se que um melhor entendimento sobre o que é a dificuldade de aprendizagem deve ocorrer quando se distinguem seus limites dentro das singularidades dos alunos e suas correlações com a insistência em se generalizar as diretrizes curriculares e os métodos avaliativos. Para tanto, faz-se mister a organização de mais estudos acerca do tema a fim de ampliar as informações e, assim, tornar possível a construção de estratégias para intervir efetivamente junto das crianças com dificuldade de aprendizagem.

Palavras-chave: Currículo, Avaliação, Educação, Crianças, Dificuldade de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CANTANHÊDE, F. L. M. A avaliação no processo ensino aprendizagem. In: V CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5, Recife, 2018. *Anais...* Recife: Realize, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD1_S A2_ID7074_17092018171452.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

CIASCA, S. M. *Distúrbios de Aprendizagem: Proposta de Avaliação Interdisciplinar*. Campinas: Casa do Psicólogo, 2003.

CRUZ, S. A. B.; STEFANINI, M. C. B. Dificuldades e Aprendizagem dos Alunos do Ensino Fundamental: Intervenções do Professor. *Olhar de Professor*, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 151-170, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1434>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

FURTADO, C. M. A., MESQUITA, E. J. O currículo enquanto fruto da práxis pedagógica: uma possibilidade emancipatória no ensino médio da educação de jovens e adultos. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 4, Laranjeiras, 2010. *Anais...*, Laranjeiras: EDUCON, 2010. p. 1-15. Disponível em: http://www.educonufs.com.br/ivcoloquio/cdcoloquio/eixo_02/e2-40.pdf. Acesso em: 10 ago. 2019.

HAYDT, R. C. C. *Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995

JACOB, A. V.; LOUREIRO, S. R. Desenvolvimento afetivo - o processo de aprendizagem e o atraso escolar. *Paidéia*, Ribeirão Preto, n. 10-11, p. 149-160, ago. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1996000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 ago. 2019.

JESUS, A. R. *Currículo e Educação: conceito e questões no contexto educacional*. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/642_840.pdf Acesso em: 10 ago. 2019.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, F. B. *Currículos e programas no Brasil*. 13. ed. Campinas: Papirus, 1990.

PIMENTA, S. G. Orientador Educacional ou Pedagogo. *Revista ANDE*, São Paulo, n. 9, 1985.

SILVA, A. H. Avaliação da Aprendizagem: um outro enfoque. *Revista Solta a Voz/ Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – UFG, Goiânia: Cepae – UFG*, v. 17, n.1, 2006.

TRISTÃO, R. M. *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento*. 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 65 p.

WEISS, M. L. L. *Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. 208 p.

ZORZI, J. L. *Os distúrbios de aprendizagem e os distúrbios específicos de leitura e escrita*. CEFAC: 2004. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/6689720-Os-disturbios-de-aprendizagem-e-os-disturbios-especificos-de-leitura-e-da-escrita.html>>. Acesso em: 10 ago. 2019.